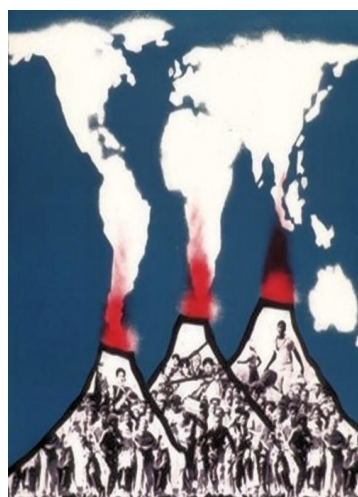




Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

Editorial

Dossiê esquizoanálise e práticas contracoloniais: pesquisa, resistência e militância



Vivemos num cenário político-social no qual prevalece a perspectiva devastadora de um neocolonialismo ultraliberal que prima, em privilégio da manutenção e a perpetuação de sua elite, pela destruição sistemática dos valores ético-políticos. Ele se sustenta na disseminação da cultura do ódio e da intolerância, bem como na afirmação de Estados/governos totalitários que instituem, no plano macro e micropolítico, dispositivos de perseguição, exclusão e extermínio dos grupos socialmente vulnerabilizados, tais como a população pobre, a população negra, os povos originários, a população LGBTQIAPN+ e de qualquer forma de dissidência e contestação de sua hegemonia.

A dissolução da ilusão da democracia como sistema de governo viável é um sintoma de nossa época. Achille Mbembe (2020) nos revela o projeto falido de uma

democracia que não se realiza. O capitalismo contemporâneo investe na produção de subjetividades predatórias impondo a utopia absoluta de um mercado regulador das relações. O “rolo compressor Donald Trump” descortina a verdadeira intenção dessa ilusão ingênua. Estados, instituições e corpos existem na condição de servir aos seus interesses e não a uma coletividade. A falência dessa visão se revela sintomaticamente no esvaziamento do Estado e das instituições de pactuação internacional (ONU, OMC, etc.), bem como na proliferação dos barbarismos fascistas de toda sorte que eclodem a todo momento em cada canto do planeta.

Nesse sentido, há de se valorizar e refletir sobre as práticas de resistência a essa tendência, práticas essas que se disseminam mundialmente, seja no campo da pesquisa, seja na militância e/ou nos movimentos sociais. As tradições institucionalistas e da psicologia crítica têm travado, ao longo das últimas décadas, um duelo incessante contra a quimera fascista/liberal no âmbito dos processos e dinâmicas institucionais e políticas. Da antipedagogia e da antipsiquiatria às práticas contracoloniais contemporâneas: diversos focos de resistência, de luta e de afirmação da vida vêm confrontando a política ostensiva de morte como regra, nos mais variados cenários.

De modo que a equipe da Revista Cadernos do LPPP UFJ, num agenciamento com pesquisadores de viés institucionalista da UFJ, UFG, UFPA e UFRN, estabeleceu um processo de articulação e trocas entre essas múltiplas perspectivas de resistências e, com muita alegria (o afeto mais necessário!), apresenta o **Dossiê *Esquizoanálise e Práticas Contracoloniais: Pesquisa, Resistência e Militância***.

Este dossiê temático conta com a participação de autoras/es das cinco regiões do país, o que denota o desenvolvimento da utilização da esquizoanálise como referencial teórico e técnico em suas pesquisas e práticas para refletir sobre as diversas lutas do presente em diferentes territórios. Os artigos aqui publicados expressam como a esquizoanálise floresceu de modo singular no solo brasileiro, no qual não há a reprodução de seus conceitos de modo dogmatizado, mas sim a sua utilização como ferramenta para pensar os distintos fenômenos discutidos.

A máquina abstrata esquizoanalítica se atualizou e se encarnou nas problemáticas vividas nas distintas regiões, seja com as cosmovisões amazônicas no Norte, a ocupação das terras no Sul, as dissidências de gênero no Centro-Oeste, as práticas de

aquilombamento no sudeste, as lutas decoloniais e contracoloniais no Nordeste e diversas problemáticas que dizem respeito aos desafios vividos no país e na América Latina.

Contudo, o dossiê expressa que não é uma mera esquizoanálise aplicada aos diferentes contextos regionais e de problemas de pesquisa particulares às/aos pesquisadores. Nessa atualização há uma mescla que faz com que a própria esquizoanálise saia torcida e misturada. Ela se hibridiza com o campo brasileiro e também com outros referenciais teóricos, seja com a psicanálise, com as teorias feministas e queer e, sobretudo, com as perspectivas decoloniais e contracoloniais.

Resgatamos aqui o princípio ontológico tropicalista, não europeu, de uma antropofagia pulsante, tal como preconizado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, como símbolo de uma hibridação e de reinvenção das ideias. A antropofagia à qual nos remetemos aqui se refere à capacidade singular de absorver e reinventar conceitos. Uma vez torcendo-os, esgarçando-os, destruindo-os, estes são incorporados e ressignificados, dando-lhes sentidos outros daqueles seminais de suas matrizes. Não há pureza ou dogmatismo teórico, mas sim mistura e composição criativa com uma série de ferramentas teóricas, e sobretudo, sotaques. Trata-se de uma postura que fomenta o cosmopolitismo e a hospitalidade às diferenças, tal como bem destacado no texto de René Schérer (2026), gentilmente traduzido e cedido a esta coletânea pelo Prof. Eder Amaral.

Talvez seja prematuro afirmar que este dossiê expresse a constituição de uma *Esquizoanálise brasileira*. Mas seguramente reflete uma incorporação antropofágica das práticas socio/esquizoanalíticas por parte de inúmeros pesquisadores do país, apresentando uma mutação, uma metamorfose, tão característica dos belos sincretismos que vivemos e atualizamos ao longo do tempo.

As teorias não devem ser ferramentas dogmáticas e imutáveis, mas devem fazer parte do que Gregorio Barenblitt (1998, 2019) denomina por *Ecletismo Superior*. Um ecletismo que é o encontro entre as heterogeneidades, as diferenças, que coexistem para a produção de um campo múltiplo e alteritário, que não deve ser reduzido a uma *disciplina*, mas vivido e atualizado em seus desvios, diferenças e dissidências (Barenblitt, Amorim & Hur, 2020). Como ideias e reflexões que nos inspirem à produção de outras políticas e práticas comprometidas com a afirmação de todas as vidas, que rompam com os colonialismos, as diferentes formas de exploração e as políticas conservadoras e

ultraliberais, para a assunção de nossas perspectivas singulares, sempre em mutação e variação contínua, nas mais variadas experiências, seja no campo da pesquisa e extensão, da clínica, das políticas públicas, da saúde, da educação e da assistência social, dos movimentos sociais e das lutas em defesa dos grupos vulnerabilizados, em articulação com as leituras contracoloniais contemporâneas.

De modo que este dossiê apresenta relatos, temas e questões em torno de práticas esquizo-contradecoloniais que vêm se produzindo como formas de resistência aos macro e microfascismos e à colonialidade em suas diferentes expressões e matizes, oferecendo ao leitor pistas e inspirações para que essas práticas se ampliem, ganhem inventividade e potência em nossa imaginação política para a criação de outros mundos. Eis a nossa aposta, pois segundo a inspiração de Deleuze & Guattari, dirigimo-nos aos inconscientes que protestam. Procuramos aliados.

Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, de que não esperaram por nós, de que há muita gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas: nada a ver com moda, mas com um "ar do tempo" mais profundo, no qual se fazem investigações convergentes em domínios muito diversos (Deleuze; Guattari, 1992, p. 34).

De modo que convidamos todos não só ao exercício de uma leitura crítica ou uma simples reflexão, mas a se enveredar de modo encarnado nas experiências aqui propostas. Que o leitor se desterritorialize, se desmodule, se dissolva e mergulhe, a partir da incorporação dos estudos e pesquisas que compõem esta edição, num plano heteróclito e antropofágico de agenciamentos possíveis, no contato com as proposições potentes dos trabalhos dos antigos e novos aliados, visando o fortalecimento de um coletivo cada vez mais sensível às demandas de nosso tempo.

Jataí - Goiânia - Natal - Belém, agosto de 2026.

Prof. Dra. Ana Karenina de Melo Arraes Amorim (UFRN)

Prof. Dr. Domenico Uhng Hur (UFG)

Prof. Dr. Fabio Montalvão Soares (UFJ)

Profa. Dra. Flavia Cristina Silveira Lemos (UFPA)

Prof. Dr. Tiago Cassoli (UFJ)

Referências

BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1998.

_____. **Esquizodrama: 10 proposições descartáveis**. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt, 2019.

BAREMBLITT, G.; AMORIM, M. A. & HUR, D. U. **Esquizodrama: teoria, método e técnica – klínicas**. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt, 2020.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1992.

MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade**. São Paulo: n-1, 2020, 3ª ed.